



APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ ESTOICISMO POR ANTÔNIO TARQUÍNIO

[O dossiê estoicismo desta edição contém trabalhos apresentados no 1 Colóquio Epicteto, que ocorreu em Aracaju em fevereiro de 2016. Na capa desta edição temos foto de defesa de dissertação de Valter Duarte (à direita), sendo questionado por Antônio Tarquínio (à esquerda)]

Eia! Avancemos, então, em relação ao que foi acordado. O homem desimpedido é livre. O que tem à frente das mãos as coisas como quer. Mas, aquele que se pode impedir ou forçar, ou enterrar ou arrojado algo contra a vontade é escravo.

Qual homem é desembaraçado de entaves? – O que não aspira nada do que lhe é alheio.

E quais são as coisas alheias? – As que não dependem de nós, nem ter, nem não ter, nem quais ter ou como ter.

Por conseguinte, o corpo é alheio, as suas partes, alheias, a aquisição, alheia.

Logo, se nutres amor apaixonado por alguma dessas coisas como (se fosse) própria, receberás a pena digna do que aspira às coisas alheias.

Esse o caminho que conduz à liberdade, esse o único meio de escapar à escravidão. O poder dizer um dia com a alma todo:

Conduz-me, Zeus, e tu Destino para o posto ao qual um dia fui designado¹

¹Diatribes, IV, 1, 128-131. Ἄγε οὖν ἐπέλθωμεν τὰ ὠμολογημένα. ὁ ἀκώλυτος ἄνθρωπος ἐλεύθερος, ὃ πρόχειρα τὰ πράγματα ὡς βούλεται. ὃν δ' ἔστιν ἢ κωλύσαι ἢ ἀναγκάσαι ἢ ἐμποδίσαι ἢ ἄκοντα εἰς τι ἐμβαλεῖν, δοῦλος ἔστιν. τίς δ' ἀκώλυτος; ὁ μηδενὸς τῶν ἀλλοτρίων ἐφιέμενος. τίνα δ' ἀλλότρια; ἃ οὐκ ἔστιν ἐφ' ἡμῖν οὔτ' ἔχειν οὔτε μὴ ἔχειν οὔτε ποῖα ἔχειν ἢ πῶς ἔχοντα. οὐκοῦν τὸ σῶμα ἀλλότριον, τὰ μέρη αὐτοῦ ἀλλότρια, ἢ κτήσις ἀλλοτρία. ἂν οὖν τινι τούτων ὡς ἰδίῳ προσπαθῆς, δώσεις δίκας ἅς ἄξιον τὸν τῶν ἀλλοτρίων ἐφιέμενον. αὕτη <ή> ὁδὸς ἐπ' ἐλευθερίαν ἄγει, αὕτη μόνη ἀπαλλαγὴ δουλείας, [μόνη] τὸ δυνηθῆναι ποτ' εἰπεῖν ἐξ ὅλης ψυχῆς τὸ ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ, καὶ σύ γ' ἢ Πεπρωμένη, ὅποι ποθ' ὑμῖν εἶμι διατεταγμένος.

Das três ascèses que encerram a essência da filosofia de Epicteto, uma em particular - a mais importante segundo ele próprio afirmou² – incorporou sobremaneira, o princípio máximo de Zenão de *Citium*, a saber: o viver em conformidade com a natureza.

A ascese do desejo possui intercuro estreito com as eventualidades do caminho, com os transes comuns da existência, com as ocorrências que marcam a jornada da vida por obra e conta do destino.

A máxima zenoniana postula a necessidade de aceitação plena e incondicional, por parte do homem, de tudo aquilo que o destino lhe entregue, já por constituir seu lote, já por ser seu quinhão, sua cota.

Porquanto, nunca se viu alguém que, havendo sorvido e esgotado o liquido envenenado da insatisfação e da infelicidade na taça da vida, que ao mesmo tempo vivesse em comum acordo com a natureza. Tampouco, se ouviu falar alguma vez, desse ou daquele indivíduo com apego excessivo, seja às pessoas do círculo de sua convivência, seja às coisas que julga possuir, que revelasse aquiescência serena diante das perdas inevitáveis da estrada.

A luta para estabelecer concordância, coesão, harmonia entre vida e natureza, exige tanto o acolhimento irrestrito de ocorrências e eventualidades, quanto uma práxis de desenlaçamento dos ligames que prendem através das algemas da falsa noção de posse – dado que toda sensação de perda tem sua origem aí.

Ora, semelhante conquista somente será efetível aos olhos de Epicteto à luz de uma abstinência de paixões, por intermédio de um porfiado ascetismo do desejo.

² Diatribes, III,2,3.

À vista disso, é possível notar a centralidade da disciplina ou ascese do desejo no tópico *psicascético* primeiro, pois, para Epicteto “Se pode dizer que a filosofia consiste em procurar como é possível exercer sem entraves (nossos) desejos e aversões.”³

Para o expatriado de Tito Flávio Domiciano somente é livre aquele que faz o que quer. Porquanto, o que não faz o que quer, na visão dele é escravo. Surge então uma imposição: urge ensinar o homem a reorientar suas aspirações, suas pretensões, *uno verbo*, insta emprestar direcionamento a seu ato de desejar.

Eo quod, o ponto fundamental para Epicteto – o coração e a alma de toda sua doutrina é o de ensinar como se há de conquistar a liberdade, pelos caminhos estreitos do jejum dos caprichos e da abstinência dos desejos.

Os textos que seguem são, sem qualquer exceção, a nosso ver, sendas, derivações, canais de um rio, ramos de uma mesma árvore que poderíamos nomear como sendo caminhos que ensinam a liberdade.

Antônio Tarquínio

Seguem ao dossiê estoicismo a seção de fluxo contínuo e a seção de resenhas.

³ Diatribes, III, 2, 1-3.